

# JORNAL DAS SENHORAS.

## JORNAL DA BOA COMPANHIA.

Modas, Litteratura, Bellas-Artes e Theatros.

O programma e condições deste jornal encontram-se na ultima pagina da capa.

### CHRONICA DOS SALÕES.



Que poderemos nós dizer-vos desta semana, benignas leitoras, se ella foi tão esteril de noticias, e tão falta de movimento nesse mundo de que nos occupamos? Não pôde haver um embaraço maior do que o de ter de dar um artigo especial, quando a especialidade não presta assumpto para encher algumas linhas. De domingo até hoje, não houve ainda um baile ou uma reunião, além da infallivel partida semanal do *Club Fluminense*.

Apenas do sabbado passado podemos noticiar-vos duas reuniões; sendo uma na rua de S. Pedro da Cidade-Nova, onde, por occasião do casamento de uma sua cunhada, deu o Ill.<sup>mo</sup> Sr. Thomaz Xavier Ferreira de Menezes, um esplendido chá, havendo nesse mesmo dia feito o baptisado de um filho seu. O cavalheirismo do Sr. Menezes e extrema amabilidade de sua respeitavel senhora, e das demais pessoas da familia, terião sufficientemente penhorado os seus convidados, se não houvesse além disso, um rico e abundante serviço. Os sorvetes, doces, etc., succedião-se quasi sem interrupção a serem offerecidos ás pessoas que se achavão nas diferentes salas, até que á uma hora da noite se retirarão os convidados, penhorados por tanta obsequiosidade.

Na mesma noite teve lugar no salão do Paraiso, o baile da sociedade *Campestre*, cuja com-

panhia foi numerosa, e notavel pelo bom numero de lindos *toilettes* e elegantes penteados que animavão a perspectiva do salão, e acordavão o enthusiasmo na multidão dos cavalheiros. A musica foi excellente, e o serviço nada deixou a desejar. E' para sentir que o proprietario deste bello salão não se tenha disposto a reformar as pinturas e alguns dos seus adornos, que parecem, mesmo á noite, reclamar algumas pequenas reformas: e isto é tanto mais conveniente, quanto ahi tem lugar quasi todos os bailes das diversas sociedades, e é a sala uma das mais espaçosas e proprias para bailes; muito preferivel a qualquer outra na estação calmosa, por sua posição e construção.

Hoje, sabbado, deve ter havido a partida mensal da sociedade *Sylphide*, cujo brilhantismo e concorrência de pessoas de primeira ordem, não duvidamos annunciar desde já, conquanto não tivessemos ainda noticia alguma della, pois que, para o crermos nos basta o nome do seu digno presidente, o Sr. Dr. Gaspar de Almeida, e o conhecimento que temos de alguns dos membros da directoria, que tantas e tão repetidas provas tem dado de seu zelo por esta sociedade, que se acha em tão florescente estado.

Está annuciado para o dia 7 do corrente, o primeiro baile do *Cassino Fluminense*, que

como não ignoraes é uma das mais esplêndidas e concorridas sociedades desta capital.

Designa-se para o dia 16 o baile da sociedade *Vestal*, cujo brilho em nada é inferior ás outras que frequentamos; mas que se distingue e tem particular estima pela sua parte harmonica, que se tem sensivelmente tornado cada vez mais interessante, e que na última reunião se compoz de excellentes pedaços escolhidos com gosto, e desempenhados com capricho.

Além do que vos deixamos dito, leitoras, nada mais podemos noticiar-vos que seja digno de vossa attenção, senão a concorrência que tem tido o

theatro de S. Francisco, onde tem sido desempenhadas com a maior perfeição e geraes applausos as melhores e mais bem escolhidas comedias, originaes ou traduzidas.

O theatro lyrico tambem tem chamado concorrência; porém prescindimos de fallar nelle, por medo de usurparmos a materia da nossa amavel collega, que tem a seu cuidado a redacção do boletim musical.

No proximo domingo vos diremos fielmente quanto de occorrido obtivermos que chegue ao nosso conhecimento.

Alina.

## JARILLA.

PELA SRA. D. CAROLINA CORONADO.

(Continuado do n. 47.)

V.

O Géhora.

Yo os rept los remoranos  
Por traidores fementidos.

ROMANCERO.

« Géhora! Géhora! Porque vem esse exercito de guerreiros perturbar as tuas serenas margens? Os rosões e pereiras bravas vergão ao peso das armas, e as garças e andorinhas que se aninhavão pelos freixos, fugirão espavoridas. Já me não consentem ouvir o teu rumborejar, os relinchos dos cavallos, e o som metalico das armaduras, nem já posso sentar-me sobre tuas penhas a cantar versos de amor. O Géhora, a tua corrente foi perturbada. O fogo abrasará a vegetação das tuas margens. Os junquillos que erguão os caules por sobre tuas ondas, ao primeiro raião do sol, estão pisados e encravados no lodo... Forão-se, ó Géhora, os dias de paz. Também ha guerra para os rios. — Tambem os homens escrevem as suas historias sobre a corrente dos riachos. Amanhã, em vez de flores, conduzirão tuas aguas sangrentas cabeças!... Quero, porém, ficar-me junto de tuas margens. Desde pequena amei a tua voz, unica que resoava aos meus ouvidos nesta solidão, e nunca te abandonarei, ainda que o troar da guerra retumba sobre tuas aguas. Feliz me consideraria, se nellas encontrasse o meu sepulchro. Pois ha maior ventura, que morrer onde estão os nossos amores? »

Tudo isto quer dizer que D. Alvaro de Luna acampou nos plainos de Albuquerque, por onde se desliza o formoso riachão a quem dirijo estas exclamações. E' certo que ao leitor pouco importa que eu goste deste ou daquelle regato; falta, porém, averiguar se eu escrevo para o leitor, ou se escrevo para mim; se tenho a per-

tenção de distrahir os mais, ou se escrevo para dar um desalogo ás minhas magoas.

Já não sei onde ia a novella.

E' mui possível que me haja esquecido a fábula, e que tenha de recorrer a novos enredos para seguir ávante. Fico transtornada, sempre que me recordo dos objectos que amo. De um valle... de um arroyo... do Géhora... oh! que dôr! sobre as flores accendem fogueiras os soldados. Rom os cavallos os vecejantes ramos das acacias. Aquellas parras silvestres onde encontrei o ninho do rouxinol, que gorgejava, mirando-se na pura lympha, forão cortadas para forragear as bestas de carga... Não hei de sofrer? não hei de doer-me? Ali está Roman pensativo, encostado ao penedo em que eu escrevi o meu nome. Está armado de todas as armas. — Esplende-lhe o escudo como as aguas do Géhora. Luzem-lhe os olhos, debaixo dos negros sobrolhos, como as estrelas reflectindo-se no sombrio Géhora. Agita-lhe os labios um sinistro sorriso, que faz brilhar-lhe os dentes brancos como as couchiubas do Géhora. — Roman tambem soffre... talvez esteja a recordar-se dos seus amores... Talvez esteja a pensar em Jarilla...

Já D. João II está fatigado da guerra, e ainda os arraiaes se não assentirão.

O pacifico D. João quizera terminar a contenda com seus augustos irmãos, por meio de uma negociação honrosa. D. Alvaro, porém, cohibe o odio implacavel do de Aragão, e está convencido de que o mestre se ha de negar a qualquer accordo razoavel.

Apezar disto, enviou um mensageiro para annunciar aos infantes, que o exercito real marchára sobre Albuquerque, e que ainda estavam a tempo de obter o perdão que generosamente lhes offerencia o rei, se se entregassem. Nada responderão os da praça, e el-rei, cheio de confiança, determinou fazer a intimação com toda a solemnidade. Porém, a resposta que o mestre deu, foi levantar sobre a torre outro

estandarte real, fazendo arremessar ao mesmo tempo sobre o estandarte d'el-rei uma sarayada de dardos e metralha, com tal fúria, que D. João correu perigo de ser ferido.

Furioso o rei, não meos que o seu valido, determinou vingar o insulto dos rebeldes, e apparellhou-se para o combate, comquanto começasse já a escurecer. Roman foi o primeiro que avançou, cego de colera, e o mesmo que desprezando as setas, rompeu por entre as lanças que coroavão a villa. Os sitiados fingirão retroceder, e depois, cahindo de improviso sobre Roman e a sua gente, os desbaratarão.

O condestavel avançou então duplicadamente enfurecido, e desafiou o mestre para que viesse pelear corpo a corpo com elle. O mestre accitou o repto, e os dous batalhadores acercárão-se um do outro sedentos de vingança.

A' mente de ambos acudiu-lhes todas as passadas affrontas. Lembrou-se D. Alvaro do seu largo desterro, e o mestre da entrada triumphal do condestavel. Recordou-se D. Alvaro da prisão de Montalvan, e o mestre da fuga de Talavera,

Ambos sentirão renovar-se a dôr das suas mal cicatrisadas feridas, e ambos acudirão furiosos ao logar do combate. A sua resolução era morrer ou vencer na lucta, e assim o declarou o mestre.

— Tão resolvido estou a isso, redarguiu D. Alvaro, que se em toda a noite vos não matar, ou me não matardes, esperarei que rompa o dia sem me bolir deste sitio.

Era nas margens do Géhora. A onda gemia,

como a carpim antecipadamente a morte de um dos deus. Ou o Aragão ia perder o filho do magnanimo D. Fernando de Antequera, o filho da nobre matrona D. Leonor, joven, galan, valeroso, e dotado de grandes talentos; ou Castella ia perder o unico apoio de um throno, abalado por ambições diversas, e mal seguro com o leve peso de um frouxo monarcha.

O Géhora gemia, e já em suas penhas resoava o echo dos primeiros golpes do ferro... Já opprimia o craneo do mestre, funda aboladura do pesado elmo... Já o condestavel sentira o ferro a penetrar a rija côta... Um delles ha de succumbir... Pobre rainha-mãe se succumbe o de Aragão! pobre rei D. João se succumbe o seu conselheiro!

Ai! de que espantosa carnicaria vai o Géhora, o tão socegado Géhora, ser testemunha! Nunca imaginei que viessem esses homens, com seus funestos rancores, profanar os sitios que eu tinha consagrado á innocencia, ao amor e á poesia. Quizera poder fugir do logar deste combate, em que vai decidir-se á sorte de dous reis.

Mas o Géhora continúa de prender-me ás suas margens. E' noite fechada já, nada vejo, mas ouço o tinir das armas... Qual dos dous succumbirá? A qual delles teremôz de prantear, ó Géhora? Por qual delles gerarás tu, e resarei eu!

Que é feito de Roman? Será um dos que transportão á praça, entre os feridos, ou dos que arrojão ao Géhora, entre os mortos?

(Continúa).

## POESIA.

### AS DUAS PALMEIRAS.

A MEU PRIMO E AMIGO, A. MARQUES RODRIGUES.

No ermo sombrio da vida em que vamos,  
Os tôpes ergueudo, p'ra o céu a apontar,  
Visinhas na terra são duas palmeiras,  
Mas uma cançada e a outra a medrar.

O vento, que as palmas myrrhadas açoita,  
Inclina a primeira do occaso ao spirar;  
Virente a segunda, no páramo acêna  
Ao pobre co'a sombra, que vai respirar.

Mil bagas d'incenso, já quasi inodóro,  
Desprende a senil do tronco a quebrar;  
Mil fructos de benção, d'aroma suave,  
A nóva começa na terra a espalhar.

Em flócos de pranto se esváe esse incenso,  
Qu'em preces remontão, qu'aos céos vão parar,  
E os fructos de benção são hymnos canóros,  
Que aos homiens incitão a crêr e a amar.

Da mesma familia são ambos os troacos,  
Mas climas diffrentes os virão brotar:  
O euro arrojou-os ao mesmo terreno,  
Agora se abração no mesmo palmar.

Quiz Deus que o murmúrio das duas palmeiras,  
O peito da virgem pudesse inflamar,  
Que as dores do afflicto, benigno, abrandasse,  
Que a sede do triste pudesse matar.

Os homens aos troncos chamarão poetas,  
Mas Deus á orestada fadou-lhe o penar :  
« Frondeja e caminha, diz elle á segunda,  
« A patria aviventa, gigante a pular. »

E a patria n'um globo de luz esplendente,  
Nadando no espaço, s'eleva a oscillar ;  
E um nome querido repete o Progresso,  
Saúdando a palmeira, no seu vecejar.

Aqui seus destinos consigna a primeira :  
Aqui véo sagrado, quiz ella romper ;  
Aqui, como em Pathmos a aguia arrojada,  
Vizão que ella vira seutou d'eserever.

Pernambuco—Junho de 1852.

Soares d'Azevedo.

## ELLE ! SOMENTE ELLE !

Eis-me só—contemplando  
Este céo, este luar ;  
Eis-me só,—suspirando,  
P'ra meus males minorar !

Ouvindo a'gementes ondas  
Sobre a praia se estendendo,  
Ouvindo a brisa que passa  
No soprar triste gemendo.

Vendo o lindo céo azul  
Desta terra idolatrada,  
A lua, que sobre as ondas,  
Vai brilhante retratada ! !

Eis-me só—contemplando  
Bellezas de fascinar !  
A tudo dou meu amor,  
O céo, a brisa, o luar !

Porque neste amor que dou,  
Vai tambem um pensamento...  
*Elle ! somente Elle ! ! !*  
Deste amor o meu alento !

E aqui só—contemplando  
Este céo, este luar,  
A *Elle* só nesta vida  
Ha só a idéa de amar !

Leontina.

## UM SUICIDIO POR AMOR.

I.

Ha alguns annos que havia em Besançon, a *velha cidade* hespanhola de Victor Hugo, um beco escuro e pouco frequentado, guarnecido de casas velhas e de muros em ruínas, que depois forão substituidos pelas elegantes construccões da rua Moncéy. Neste beco distinguia-se uma casa ainda mais velha do que as outras, edificio meio cabido, de architectura gothica, cujas janellas se abrião em ovães, e disseminavão nos aposentos uma luz baça que quebravão os seus pequenos vidros cortados em losangos, e embutidos em caixillios de chumbo.

Nesta casa morava, com uma criada de cabellos esbranqueçados que havia sido sua ama, uma moça de vinte e dous annos, muito bonita, mas muito phantastica, que havia mandado forrar as paredes do seu salão com tapessarias de figuras, e que havia mobiliado, com quantos estofos e trastes antigos e da idade media pode encontrar, o pequeno recinto circular de um gabinete, do qual fizera seu quarto de dormir.

II.

Esta moça chamava-se Leocadia. Leocadia ! Ha nomes predestinados. Para chamar-se Leocadia, deve-se ser filha de algum porteiro, ou discipula do Conservatorio. Ora Leocadia não era filha de nenhum porteiro, porque era rica e bem nascida; nem discipula do Conservatorio porque vivia a cem legoas de Paris.

Buffon disse que *o estylo é o homem*. Eu cheguei depois d'elle, e tomando a meu cuidado esta encantadora metade da especie humana, da qual elle se não dignou fallar no seu axioma, formulo um aphorismo a meu geito, e digo com tanta razão como grande naturalista o nome *é a mulher*.

III.

Chama-se *excentrica* a mulher de cerebro ultra-desenvolvido, que despreza misteres do arranjo domestico para entregar-se a phanta-

sias, e que se esforça, por todos os meios possíveis, por substituir sobre sua cabeça ao toucado de renda a corôa de louro das musas.

A excentricidade é metade de uma má reputação em uma cidade de provincia. Saber-se-ha, pois, sem surpresa, que as mães de família muito se escandalisavão com a maneira de viver de Leocadia.

Ella não queria casar-se, dizendo que o casamento é um jugo tão pesado como irracional: e quando em sua presença se tratava de amor, emittia a tal respeito theorias que não deixavão de ter algum merecimento de apreciação, mas que por exaggeradas se tornavão ridiculas. A uma doutrina tão subversiva accrescentai que ella montava algumas vezes a cavallo.

Eis-ahi verdadeiros defeitos: mas estaria fóra de conta com algumas das nossas celebridades do mesmo genero, porque não fumava, não atirava á pistola, e nunca em sua vida havia compromettido a delicada tez de suas niveas mãos sobre o punho aspero de um florete.

Em resumo. Leocadia era adorada pelos moços, e aborrecida pelas velhas. Esta indisposição, junta ao pretexto do que se chamava suas loucuras, tinha mesmo acabado por fechar-lhe a porta de certos salões. Mas Leocadia, que não ignorava que mesquinho ciume era a causa destes ostracismos, levantava os hombros, deixava fallar, e só cuidava de sua phantasia.

#### IV.

Nesse mesmo tempo vivia em Besançon um moço, de nome Frederico, que tinha 25 annos e vinte cinco mil libras de renda, moço prazenteiro, muito bonito para esperar boas fortunas, e bastante emprehendedor para tental-as. Viu elle Leocadia na igreja, e achou-a muito bonita; no theatro ficou apaixonado por ella; no baile da Prefeitura rendeu-lhe algumas homenagens communs ao estylo dos conquistadores.

Leocadia, que estava muito acostumada a este genero de conversação, ouviu-o sem pestanejar, e não lhe deu maior attenção.

A belleza nasce dos contrastes. E' talvez em virtude deste mesmo principio que o amor cresce na razão dos obstaculos que lhe oppõe.

Fica-se mediocrementemente saptisfeito com uma conquista facil, e perdidamente louco por uma mulher que resiste. Frederico vai dar-nos uma prova da verdade desta observação.

Durante seis mezes fez elle uma côrte assidua. Cuidados extremos, olhares queixosos, suspiros á queima-roupa, etc.; elle percorre pressurosamente todas as sinuosidades da carta do paiz da Ternura, e certamente a Sra. de Scudéry teria visto nelle o herôe de um desses bellos romances em dez volumes, de que a côrte de Luiz XIV fez por tanto tempo as suas delicias: nãas Leocadia não era uma Clélia; e, ao fim de seis mezes, o pobre Frederico percebeo que não estava mais adiantado do que no primeiro dia.

Que fazer? Desesperar-se? Nada aproveitava

isso. Era melhor proseguir para vencer. Mas ahí estava a difficuldade. Elle tinha perdido o somno e o appetite; tinha dado mil tratos á imaginação inutilmente para achar um novo expediente; e ter-se-hia de bom grado dado ao diabo, se o Sr. Satan quizesse em troca dar-lhe Leocadia: estava louco de amor, em uma palavra: e nestes sentimentos, depois de uma noite de insomnia, para elle tão frequentes, tomou uma manbã a resolução de tentar um golpe decisivo, cujo resultado não lhe parecia duvidoso. Talvez que eu me arrependa murmurava elle vestindo-se, mas não posso mais viver assim.

#### V.

No dia 1º de junho de 184...., ás 2 horas da tarde, viu-se o bello Frederico, de gravata-branca e trajando de preto, sahir de sua casa, seguir a rua da Prefeitura, e a grande rua, escolhendo com cuidado os passeios que offerecessem menos perigo ao lustro do seu calçado, e entrar na rua Baron. Chegado ahí parou um instante, hesitou sensivelmente, mas arrastado pela força de uma paixão irresistivel, transpoz rapidamente a distancia que o separava de uma velha casa ennegrecida pelo tempo, e logo seus passos sonoros se ouvirão nos largos degrãos de uma escadaria carunchosa.

Entrou em casa de Leocadia.

Já sabemos que ella vivia só tendo por companhia a sua velha ama. Não se lhe conhecia mais parentes vivos. Era pois a ella—sômente a ella, não obstante o insolito de semelhante passo, que se deverião dirigir estas propostas, que uma moça só ouve em segunda ou em terceira mão, o que não deixa de as fazer córar logo que comprehendem o objecto-de que se trata: e ellas o advinhão desde a primeira palavra.

Leocadia recebeu Frederico em pé no seu salão de tapete de alto-lizo, cujas magestosas personagens, com seus costumes antigos, e suas figuras morosas, parecião fazer á Leocadia um cortejo de grandes parentes.

Elle cumprimentou-a timidamente, e balbuciou o seu pedido. Era uma proposta de casamento debaixo de todas as regras. Tinha um bello nome e uma bella fortuna, vinha depór tudo aos pés do seu idolo, e não imaginava que se pudesse resistir a semelhante seducção.

Mas em virtude das opiniões matrimoniaes que nós lhe conhecemos, Leocadia, ao ouvir esta declaração inesperada de legitima felicidade, reteve com grande difficuldade uma gargalhada que fez vibrar todos os museus de sua face, e tomando logo a gravidade necessaria em tal occurencia, agradeceu em muito bons termos ao nosso herôe a honra immerecida, que elle pensára em fazer-lhe, e sub-entendendo em sua resposta um não que nella se achava implicitamente, porém formulada com claresa, despêdiu depois de dez minutos de conversação o seu desventurado adorador.

(Continúa.)

## VARIEDADES.

### OS OLHOS HUMANOS.

(Continuado do n.º 47.)

#### EXPRESSION DOS OLHOS.

##### V. *Veneração e Desespero.*

Os olhos exprimem estes affectos com muita efficacia, quando a alma os sente com vigor. Movidos os olhos pelo impulso de uma devoção ardente, abrem-se formosamente, e no extasis de uma contemplação que absorve todas as potencias da alma, parece elevarem-se suavemente para o Céu, e ao mesmo tempo parece descer do empyreo um raio de luz celestial, mostrando á alma religiosa o caminho de sua eterna felicidade. Os olhos que os famosos pintores tem dado ao santos moribundos, sem mostrarem lucta alguma com a morte, são vivos exemplos de veneração. A pupila de um olho, depois de uma jaculatoria fervorosa, parece que vê o SER invisível.

Os olhos exprimem o desespero e a agonia com uma força inferior á loucura, que é a summa perturbação da alma. As sobrancelhas parecem juntar-se fazendo violencia ao musculo enrugado. A retina assemelha-se a um pequeno volcão de fogo, o sangue parece que se espalha pela cornea, tornando o branco em encarnado, as palpebras inchão que parecem inflammadas, e quasi tapão os olhos como se aborrecessem a luz ou procurassem occultar nas trevas a miseria em que está suffocada a alma.

##### VI. *Riso e dôr.*

Todos os musculos parecem agitados durante o riso, e os olhos ficam rodeados de rugas que fazem elevar as pestanas. O musculo orbicular ajuda ao effeito puxando para traz o iris, pelo que fica este quasi occulto, e apenas pôde vêr pelas lagrimas que correm por causa da pressão que soffre a glandula lacrimal. A parte exterior das sobrancelhas arquea-se muito, descendo por consequente o angulo interior, que se enruga com um movimento convulsivo: esta postura das sobrancelhas é que dá ao riso aquella poder magica para poder fazer vir os outros.

Exprime-se a dôr quando é moderada, baixando as sobrancelhas em linha parallela, em quanto lagrimas de tristeza correm dos olhos em abundancia; a acção regular dos musculos se desordena com as convulsões produzidas pelos soluços. Porém, esta expressão toma mais força com o augmento do pesar, e no momento de uma angustia acerba, se fixa a vista como em um delirio, e a retina parece despedir faiscas de fogo.

##### VII. *Confiança e zelos.*

Os olhos exprimem a confiança de um modo muito semelhante á tranquillidade. Comtudo a

visão na confiança tem muito maior força, do que quando os olhos estão em repouso. Os olhos apresentam então um certo ar de animação, que manifesta a candida confiança do seu possuidor.

Que apparencia tão opposta é a dos olhos perturbados pelos zelos, esse mubstro que em si mesmo gera o alimento com que nutrir suas furias devorando-se a si proprio, na impotencia de devorar o seu rival! Agitada a mente, é incapaz de occultar o olhar altivo e fêro que dá com olhos tremulos. Tudo é perturbação em sua alma e na sua vista; as palpebras elevão-se até perderem-se debaixo do enrugado das sobrancelhas, por cuja espessura sahem aquelles olhares que poem em arrebatamento ao ciumento quando está só, ou o expõem ao ridiculo, se se acha em companhia.

(Continúa.)

#### BRILHANTES FAMOSOS.

Havia-se feito um calculo, do que resultava, que o numero dos brilhantes de mais de 36 quilates, conhecidos na Europa, subia pouco mais ou menos a noventa: e segundo M. Marve, não havia mais de meia duzia de um tamanho extraordinario.

1.º O *Rajah de Mathan*, na Ilha de Borneo, possui um diamante achado naquelle paiz, não faz muitas annos, da figura de um ovo de formosa côr e de 367 quilates de peso: foi avaliado em 18:000,000 de francos.

2.º O *Mogol*, um dos maiores diamantes que se conhece, é o de que faz menção Tavernier, e que pertence ao Gran-Mogol. Tanto na forma como no tamanho, é como metade de um ovo de galinha: pesa 297 quilates, e segundo o arbitramento de Mr. Jefenies, vale 15,625,000 francos. Dizem que antes de ser lapidado pesava 795 e 5/8 de quilate; tinha quinze a dezasseis linhas de diametro pouco mais ou menos, e treze de espessura.

3.º O *Regente*, pesa 156 e 1/4 quilates, e antes de ser lapidado pesava 410. Em 1791, uma commissão de joalheiros o avaliou em 3:000,000 de francos. Se não é o diamante maior, estão todos de accordo que é o mais puro: é quasi redondo, tem 14 linhas de comprido, 12 de largo, e 8 de espessura.

4.º O *Orlow*, tem de peso 195 quilates, e dizem que custou 2:250,000 francos á vista, e uma pensão vitalicia ao vendedor de 100,000 francos. E' do tamanho de um ovo de ponibo, achatado e inteiramente puro. Além do diamante *Orlow*, a Russia possui outros muitos de grande valor, e entre elles um de 9,245:000 francos.

5.º O diamante do Gran-Duque de Toscana, pesa 195 1/2 quilates, e foi avaliado em 2,627:155 francos: pertence ao Imperador d'Áustria.

6.º O *Sancy*, pesa 55 quilates, e é de miúda cor: custou 625,000 francos. No anno de 1798 fazia todavia parte dos diamantes da corôa de França, e nessa época desappareceu. Em 1850 e 1851 existia em poder de um negociante, que permittiu que o copiassem exactamente. Desde 1852 é propriedade da familia dos Srs. Demidoff. Em Junho de 1855, o *Sancy* estava á venda em Pariz: então o pesáráo, e se achou não ter mais do que 55 1/2 quilates. Assegurão que esta diminuição de peso provinha de ter-se regularisado a sua fórma.

7.º O *Bragança*, é o maior dos diamantes conhecidos, estava em bruto, pesa 1,680 quilates e pertence a Casa de Bragança. Julga-se, diz M. Marve, que é um topazio branco. E' do tamanho de um ovo: os lapidarios brasileiros o avaliáráo em 7:500,000 francos. Mostráráo-nos uma das faces levemente lapidada, para indicar qué era verdadeiro.

No anno de 1750, a frota real de Portugal levou á Europa mais de 70 libras de diamantes, o que causou uma baixa consideravel no preço desta pedra.

8.º O *Piggot*. Este diamante foi trazido á Inglaterra pelo conde *Piggot*, quando voltou de Governador das Indias: pesa 47 1/2 quilates, em 1801 rifáráo-o em 750,000 francos, e em 1818 pertencia aos Srs. Rundell e Bridg.

9.º *Nassac*. Este diamante pertence ás Indias Orientaes, e pesa 89 e 3/4 quilates: está avaliado em 750,000 francos.

A Hollanda possui um diamante de 56 quilates, avaliado em 260,000 francos.

A Persia tem muitos de grande valor: os dous principaes chamão-se *Mar de gloria* e *Montanha brilhante*: o primeiro está avaliado em 8,645,000 francos, e o segundo em 762,000.

O vestido d'El-Rei D. José I, de Portugal, tinha 20 botões, que erão outros tantos brilhantes avaliados em 250,000 francos.

Nos nossos dias mais alguns notaveis brilhantes se tem descoberto, entre os quaes, dous neste paiz: um delles, a que derão o nome de *Estrella do Sul*, deve, segundo ouvimos dizer, figurar na Exposição de Pariz, que a esta hora se acha aberta á curiosidade universal.

#### OS CASAMENTOS DE AGRA.

Lê-se a inscripção seguinte, gravada em grandes letras sobre a porta principal da cidade de Agra, no Indostão. — No primeiro anno do reinado do imperador Julief, dous mil casamentos forão quebrados pelo magistrado, por mutuo consentimento dos esposos. O imperador soube desses detalhes com tal indignação, que aboliu o divorcio nos seus estados. No decurso do anno seguinte, o numero dos casamentos em Agra, diminuiu de tres mil, comtudo trezentas mulheres forão queimadas vivas, por terem envenenado seus maridos, e setenta e cinco homens o forão, por terem assassinado suas mulheres. A quantidade de moveis quebrados e destruidos

no interior das familias particulares, representava um valor de tres milhões de rupias. O imperador apressou-se em restabelecer o divorcio.

#### FUNERAES.

Os funeraes dos musulmanos são revestidos de um caracter de gravidade e de simplicidade, que desperta a emoção. Depois de ter sido o corpo bem lavado, enxugão-o com cuidado e lanção-lhe camphora sobre a testa, joelhos, mãos e pés: é depois envolvido em um estofa branco, coberto de versiculos do Alcorão, e assim exposto na porta da casa, em um esquiue sustentado por cavalletes. Esta exposição dura algumas horas, findas as quaes, chega o Iman (sacerdote), lança sobre o corpo agua e põe-se em acto de o conduzir á sua ultima morada, para onde é levado, ora por amigos, ora por mercenarios, e algumas vezes por pessoas que ollão este piedoso dever como um acto de devoção mortuaria. O acompanhamento compõe-se só de homens; comtudo vê-se muitas vezes virem, algum tempo depois, para junto do tumulo, mulheres pagas para chorarem o defunto. Quando tem o enterro chegado ao cemiterio, o Iman colloca com precaução o morto sobre o lado, volta-lhe a cara para o lado da Mecca, chega-se á borda da cova e pronuncia com uma voz grave, esta profissão de fé: « Creio « em um só Deus todo poderoso, e só a Elle « adoro: creio que Mahomet é o enviado de « Allah sobre a terra, e o propheta dos pro- « phetas: creio tambem que Ali é o verda- « deiro chefe dos fieis, que esta terra lhe per- « tence, etc., etc. »

O Iman dirigiudo-se depois ao morto — « Sabe, bem, lhe diz elle, que a morte é verdadeira, que a visita que te vão fazer Munkir e Nekir, os dous anjos das trevas e mensageiros de Allah, é verdadeira..... que o Céu e a Terra existem, que o inferno bem como o dia de Juizo são verdadeiros: tem a maior confiança em todas essas cousas, porque são verdadeiras. Agora que Deus teu Senhor, que um dia virá levantar todos os mortos do seu tumulo, te conceda o favor de te approximares da sua divindade e de seus prophetas, e que a sua graça seja contigo para todo e sempre! *Amin!* »

Então o Iman afasta-se uns quarenta passos, e exclama: — « Approximai-vos Munkir e Nekir, eis um verdadeiro crente; vinde, elle « vos espera. » — Volta para junto da cova e diz: — « Deus grande e glorioso, nós te rogamos « humildemente que tornes a terra, leve ao teu « servo, e possa elle achar graça e misericor- « dia junto de Ti! *Amin!* »

#### EXTRAVAGANCIAS.

Vaillant, celebre numismatico, vendo que o navio em que navegava, ia ser presa de um corsario, arriscou a vida por amor da archeologia, e enguliu as medalhas mais importantes que le-

vava consigo. Passado o perigo, foi victima de crueis dôres, e esteve á morte para expellir uma medalha de Othon, que se conservou 15 dias dentro do corpo.

O abba de Lacaille, famoso astronomo, inventou uma especie de fórquilha, em que encostava a cabeça, com o fim de passar noites inteiras a observar o firmamento. Os seus maiores inimigos erão as nuvens e o somno.

Rosseau herborisava pelo campo, com o chapéu debaixo do braço, á hora do meio dia, e assegurava que lhe era proveitosa a acção do sol.

O pintor Vernet, amarrou-se a um mastro para assistir ao grandioso espectáculo de uma torpenta.

Jirotet não gostava de trabalhar durante o dia. Pelo meio da noite assaltava-o uma inspiração febril; levantava-se, punha na cabeça um grande chapéu, especie de castiçal monstro, cheio de velas, e fechava-se na officina a trabalhar.

O marquez, poeta Ximenes, que ha poucos annos morreu em Pariz, não era dos fidalgos mais acceitados. Encontrando uma vez o conde de Thiers, disse-lhe que estava um pouco indeciso acerca da maneira porque havia de matar um de seus herôes tragicos. « Eu lhe digo, respondeu o marquez tapando o nariz cuidadosamente, chegue-se a elle, e empeste-o. »

Carlos IV, duque de Lorena, loucamente enamorado da filha de um burgo-mestre de Bruxellas, pediu á mãe que lhe desse licença para dizer duas palavras a sua filha. Recusou a mãe; mas o principe insistiu, pedindo licença para lhe fallar, enquanto podesse suster uma braza de carvão em qualquer das mãos. Aceitou-se a proposta, e o principe pôde emfim conversar com a sua amada. Foi tão longa a conversa, que a mãe se resolveu emfim a interrompê-la. — O carvão estava apagado, a mão do principe estava queimada, mas elle dizia que uem ao menos sentira a dôr!

### Maximas e Pensamentos.

Nada ha mais facil de quebrar do que o jugo dos advogados. Quando os advogados Gobier, Syesjes, Moulins, e o procurador Rewbel tinham-se feito reis, podia eu muito bem fazer-me consul, para o que já tinha tomado licença em Montenotte, em Lodi, em Arcote, em Chébreisse e em Aboukir.

Quando em um estado a massa se acha corrompida; as leis são quasi inteiramente inúteis sem despotismo.

Ha muita gente que julga possuir o talento de governar, pelo simples facto de que governa.

*Napoleão Bonaparte.*

Os homens pensão mais, as mulheres sentem melhor.

O prazer é para os nescios, como o fogo para a mariposa; com tanta imprudencia o procura que se queima e morre.

Não nos esqueçamas nm só dia de Deus: o author da memoria não se esquece um só instante de nós.

No theatro deste mundo todos os actores e bailes são mascarados.

A vingança, detesta projectada e atormenta executada.

*M. de Maricá.*

### CHARADA.

Quando é bem inspirado	
Faz gosto se vercejar	2
Demora não admitte	1
Quando é forte é de chorar	1

Eis um homem que se tem  
Por moço muito engraçado,  
Por seus ditos é por todos  
Mais que tudo detestado!

*Amelia.*

### A'S NOSSAS ASSIGNANTES.

Chegou finalmente o **Levaillant** e com elle os nossos figurinos que esperamos poder começar a distribuir com o proximo numero que não fazemos já porque o navio ainda não começou a descarregar.

A charadas do n.º 47 é: *Rosario.*

Acompanha este n.º 48 uma melodia para piano.